



As Quadrilhas Juninas em Maceió no contexto dos concursos

Joelma Ferreira da Silva 1¹

Resumo: Este trabalho tem como objetivo central registrar, do ponto de vista histórico, a trajetória das quadrilhas juninas na cidade de Maceió, desde o surgimento dos concursos de quadrilhas, com enfoque no processo de criação da Liga das Quadrilhas Juninas de Alagoas – LIQAL, até o ano de 2013.

Palavras-Chave: Quadrilha Junina. Dança Popular. Concurso de Quadrilhas

A realização deste Trabalho de Conclusão de curso encerrou a articulação entre minha vivência como dançarina de quadrilha junina em Maceió e minha trajetória como aluna do curso de Licenciatura em Dança da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Se logo ao entrar no curso, eu não conseguia ver ligações mais diretas entre minha atuação nas quadrilhas e minha escolha universitária, já de início, nos primeiros semestres do curso, disciplinas como Antropologia da Dança, Danças das Tradições

¹Graduada em Dança pela Universidade Federal de Alagoas, Especialista em Arte, Educação e Sociedade pelo Centro Universitário Cesmac. Intérprete Criadora na Companhia dos pés desde 2009. Brincante de quadrilha junina por 11 anos. Pesquisadora das Danças Populares do Nordeste do Brasil.

Populares do Brasil e os primeiros contatos com a Coreologia² apontaram-me as correlações existentes entre esses dois campos e despertaram a vontade de aprofundar esse entendimento.

Com a escassez bibliográfica acerca deste tema, a metodologia do trabalho foi desenvolvida utilizando-se de pesquisas bibliográficas em livros e jornais locais, entrevistas semiestruturadas e pesquisas iconográficas aos arquivos pessoais de quadrilheiros³.

1 Quadrilha Junina: percursos

As danças medievais e renascentistas, que evoluíram para as de corte ou de salão, bem como as de teatro, têm como origem comum as danças populares, conhecidas como *basse-danse* (dança baixa), nobres e graves, muito difundidas em todas as cortes das províncias francesas, que dominaram soberanas nos meios senhoriais durante todo o século XV. (MENDES, 1987, p.19).

De acordo com Chianca (2007) e Almeida (2001), com a passagem dessa dança popular pelo salão nobre na época do Brasil colonial, a quadrilha ganhou refinamento e seu ritmo foi sendo enriquecido, passando a entreter os nobres, a exemplo de Dom Pedro II, um apreciador da quadrilha. A contradança chegou ao Brasil por volta do século XIX, trazida pela corte portuguesa através dos maestros Milliet e Cavalier ao Rio de Janeiro, sendo difundida nos salões ricos de São Paulo, Recife e Salvador e ganhando modificações ao longo do tempo.

Conforme Almeida (2001), a palavra quadrilha vem do francês *quadrille* e origina-se do italiano *squadro*, que significa companhia de soldados dispostos em quadrado. Ainda segundo o autor, no Brasil colônia a valorização de tudo o que era estrangeiro era imensa, sendo possível a mudança da palavra *quadrille* para quadrilha. Nesse contexto, podemos considerar que a quadrilha faz parte da dança baixa, visto que é originária das danças rurais da Normandia e da Inglaterra, e tendo sido modificada na corte francesa.

Inicialmente executada por quatro ou oito casais, formando uma fila em frente à outra e organizada em forma de quadrado, a quadrilha “era composta de cinco partes,

² Rudolf Laban foi coreógrafo e bailarino húngaro que desenvolveu aprofundado sistema de análise do movimento na primeira metade do século XX. Foi o primeiro a utilizar esse termo no campo da dança. Segundo Preston-Dunlop (1989), coreologia designa “o estudo da dança” ou “da ciência da dança”.

³ Termo usado para se referir aos dançarinos de quadrilha junina.

com narração em francês” (ALMEIDA, 2011, p.17):

- 1 – *La chaine continue des dames* (a corrente contínua das damas);
- 2 – *La nouvelle traine* (a nova corrente);
- 3 – *La corbeille* (a cesta de flores);
- 4 – *Doulangère* (padeira) e
- 5 – *Casse-croisé* (quebrados, cruzado)

essas dois últimos tipos são executados ao som de alegre e alegreto e finalizadas por *en avant* (geral ou galope) que, aos poucos, foi-se modificando para polca, mazurca e valsa.

Em função da falta de referências, acredita-se que a quadrilha, no Brasil colonial, era dançada a exemplo do modelo acima citado. Em Chianca (2007), encontrei respaldos para entender mudanças na quadrilha no trânsito entre o Brasil colonial e o republicano, como na citação a seguir:

O que explica esse deslocamento simbólico é o fato dos políticos e as implicações culturais das mudanças de poder do Brasil republicano, quando os costumes do período colonial e imperial foram desprezados pelas camadas burguesas urbanas cidadinas vão provocar novos deslocamentos à quadrilha. Provavelmente, nesse momento, a quadrilha teria sido abolida das festas dos cidadãos ricos, continuando a ser dançada pela população mais distante dos grandes centros urbanos e interioranos. (CHIANCA, 2007, p.50).

Ainda seguindo o raciocínio de Chianca (2007), a população cidadina retoma o costume de dançar a quadrilha e é nesse contexto que surge o que chamamos de quadrilha matuta ou tradicional. Essa variedade faz referência ao homem do campo, chegando a ser pejorativa a caracterização dos dançarinos, muitas vezes vestidos com roupas remendadas e maquiagem que simulam dentes cariados. Atualmente, nas quadrilhas escolares e nos festejos juninos em ambientes diversos nas cidades, podemos ver esse formato alude a um ambiente rural imaginário.

Dia 24 de junho acontece o Solstício de Verão, que é o dia mais longo do ano no norte Europeu, considerado pela população o Dia dos Deuses. Assim, em comemoração a essa graça, são acesas fogueiras como forma de agradecimento. O povo nordestino acende suas fogueiras para agradecer a fertilidade da terra pela colheita do milho. É provável que tenha havido uma transmissão de costumes; essa informação é

corroborada por Almeida:

Devido ao plantio e às colheitas, que correspondem ao início do inverno (estações das chuvas no Nordeste), levando em conta as tradições portuguesas trazidas para o Brasil e herdadas, por sua vez, do período pré-cristão, que comemorava a mudança do ciclo solar no hemisfério norte, chegaram-nos ritos de colheitas, em homenagem à fertilidade da terra e do homem. Tradições pagãs em que o colonizador, por meio da forte presença da Igreja Católica, introduziu os santos que hoje fazem parte do nosso ciclo junino. (ALMEIDA, 2001, p.18).

A quadrilha junina irá ganhar forte popularidade, ao longo da história, nas festas juninas, acentuadamente no Nordeste do Brasil. Grandes serão, também, as mudanças que irão ocorrer, tanto na sua estrutura musical e coreográfica, quanto no lugar social que esta dança irá ocupar, deslocando-se do ambiente lúdico e festivo das comunidades rurais e urbanas para o contexto dos concursos. Neste trânsito, as relações entre forma e função irão fazer surgir novas configurações estéticas e estilísticas, conforme demonstrarei a seguir.

2 As Modalidades: Matuta, Estilizada e Recriada

2.1 Matuta

Na quadrilha matuta, os dançarinos se vestem com roupas menos sofisticadas, se comparadas às vestimentas das outras modalidades. As meninas, ou as “matutas”, usam vestidos de chita (tecido estampado com flores, de baixo custo), com babados de bico de renda na cor branca; na cabeça, um arranjo de flores ou um chapéu de palha, com uma trança comprida de cada lado do chapéu, representando o cabelo longo das mulheres do campo, que, geralmente, adotam esse estilo. Nos olhos, a maquiagem é simples. Na boca e nas bochechas, usa-se fortes tons de vermelho, e desenham-se pontinhos com lápis preto, provavelmente para lembrar a pele com sardas, surgidas pelo excesso de exposição ao sol, que eram comuns nos lavradores. Brincos, colares, pulseiras e anéis são usados como incrementos. Sandálias de couro e/ou artesanais, como são comumente chamadas na cidade de Maceió são utilizadas.

Os meninos, ou “matutos”, usam calças com remendos de sobra de tecidos coloridos; a camisa é quadriculada, em padrão xadrez. Na cabeça, chapéu de palha; nos pés, sandálias de artesanato masculinas ou sapato de couro. Há quem use um lenço vermelho amarrado ao pescoço. Com lápis para maquiagem, muitos deles pintam barba e bigode no rosto, para exibir a imagem de homem mais velho que o pelo traz.

Na quadrilha matuta predomina o ritmo da marcha, com o qual se dança o tradicional arrasta-pé, sendo esse o passo básico da dança, a partir do qual se desenvolve toda a coreografia, que a partir do deslocamento dos dançarinos no salão, desenvolve-se em filas, fileiras e rodas.

2.2 Estilizada

Consideramos neste trabalho como quadrilha estilizada aquela que foge aos moldes das quadrilhas matutas, constituindo um estilo diferenciado que decorre de alterações nos componentes da dança⁴, a saber: dançarinos, figurinos, som e movimento. A partir daí um tema construirá o enredo para o desenvolvimento da quadrilha. Em 1990, a Rede Manchete de Televisão promoveu o primeiro Campeonato Brasileiro de Quadrilhas Juninas. Nesse concurso havia a premiação para quadrilha “original”, fato que demandou grandes alterações no modo tradicional de apresentação das quadrilhas. Muitas transformações ocorreram em 1991, dentre elas a retirada deste quesito da avaliação do concurso. No entanto, tal fato não resultou no retorno às aos moldes das quadrilhas matutas, uma vez que foi grande o fascínio exercido pelas quadrilhas “originais” ou “estilizadas” sobre as demais. Isso gerou grande influência sobre muitos grupos do Nordeste que passaram a adotar esse novo modo de “encenar” a quadrilha.

Em Maceió, o processo de estilização das quadrilhas aconteceu dentro dos concursos e por causa deles. Em 1990, a Quadrilha Matuta Luar do Sertão, campeã alagoana, foi representar Alagoas no primeiro campeonato brasileiro de quadrilhas juninas, organizado pela Rede Manchete de Televisão em Salvador. Nesse concurso duas quadrilhas seriam premiadas pelas categorias de “melhor quadrilha” e “quadrilha mais original”, com prêmios de valores altíssimos na época, pagos em cruzeiros. A quadrilha alagoana Luar do Sertão foi eleita pela atriz Regina Dourado e o pelo carnavalesco Joãozinho Trinta como a quadrilha mais original.

Apesar da vitória da Luar do Sertão ter sido na categoria “quadrilha mais original”, Zé Claudio, o marcador e dono da quadrilha, ficou fascinado em ver uma quadrilha estilizada. O encanto foi tão grande que Zé Cláudio pensou em mudar o estilo

⁴ Segundo Preston-Dunlop (apud Marques, 1991), o estudo da dança deve considerar não apenas o movimento, mas também o dançarino, o som e o espaço geral como componentes que estruturam e dão significados à dança.

de sua quadrilha de matuto para estilizado no ano seguinte, mas não teve coragem. Em 1991, ganhou novamente o Campeonato Alagoano, porém já não conseguiu o prêmio de originalidade no brasileiro, ficando em quinto lugar no ranking geral, haja vista que o quesito “originalidade” havia sido extinto desse concurso.

A retirada desse quesito responde à diminuição do número de inscrições de quadrilhas matutas e ao aumento do número de grupos de quadrilhas estilizadas. É a partir dessa realidade, e influenciado por ela, que Zé Cláudio resolve, em 1992, optar pela quadrilha estilizada. Em 1992, a quadrilha liderada por Zé Cláudio, Luar do Sertão, configurou-se então como a primeira quadrilha estilizada de Alagoas. Zé Cláudio já havia calculado que, devido ao impacto da novidade, sua quadrilha não seria campeã naquele primeiro ano e que no ano seguinte todas as outras quadrilhas seguiriam o novo modelo da Luar do Sertão. Mas que por estarem um ano à frente, ganhariam todos os campeonatos seguintes, enquanto as demais ficariam rotuladas como imitações.

Assim, em 1992, a luar do Sertão ficou em terceiro lugar no Campeonato Alagoano. Embora tenham sido aplaudidos de pé pelo público eufórico, não conseguiram conquistar os jurados que contestaram o novo modelo de organização coreográfica, de sonoridade e figurinos. Zé Cláudio defendeu em emissoras de rádio em Maceió a ideia de que a dança é mutável. Segundo ele, no concurso do ano seguinte (1993), dentre as 25 equipes de quadrilha que estavam na final, em torno de dez ou 12 já eram estilizadas, sendo que as cinco equipes com melhor colocação todas apresentavam essa característica.

A Luar do Sertão, então, ganhou todas as disputas das quais participou, como tinha “profetizado” o dono da quadrilha; porém, para a decepção da campeã, em 1992 o Campeonato Brasileiro acabou e permaneceu inativo nos anos de 1992, 1993 e 1994. Em 1995, sob a organização da Rede Globo de Televisão, visto que a Rede Manchete tinha falido o concurso foi retomado. A Luar do Sertão ganhou o concurso alagoano em 1995 e 1996 e nesses dois anos consecutivos teve a oportunidade de mostrar o estilizado alagoano, conseguindo também o título de melhor quadrilha do Brasil.

É também na quadrilha estilizada que aparecem os ritmos de xote, xaxado e baião, somando-se ao arrasta-pé tocado na quadrilha matuta. A partir de então, outras equipes de quadrilhas em Alagoas promoveram mudanças em sua estruturação, com a pretensão de sempre apresentarem inovações e se diferenciarem umas das outras. Neste contexto, surge a Quadrilha Show Aconchego, trazendo novos personagens que receberam destaque na quadrilha estilizada, especificamente: os casais de Príncipe e

Princesa, Lampião e Maria Bonita, Casal de Ciganos e Casal Tema.

O figurino tornou-se volumoso, efeito dado pelo uso de grandes saietas em baixo dos vestidos. A competição estende-se ao modo de dançar, de se vestir e se expressar. Um método de se afirmar em busca de uma identidade junina própria e individual de cada grupo.

2.3 Recriada

Na busca por essa diferenciação, surge a quadrilha recriada que, de acordo com Zé Cláudio, organiza-se em torno de um tema, sendo este mais claro e mais bem definido em relação à quadrilha estilizada. Os personagens na quadrilha recriada podem ser os mesmos presentes nas quadrilhas matuta e estilizada, mas além dos tradicionais casais de noivos e reis, surgem novos personagens que conquistam a mesma visibilidade que os destaques que costumávamos ver, no entanto todas as inovações devem estar correlacionadas com o tema. A quadrilha recriada passou a exigir uma produção da mais elaborada, ao fazer uso de grandes cenários e efeitos coreográficos, sendo muitas vezes comparada pelo público com as escolas de samba do Rio de Janeiro. Alguns a identificam como “espetáculo junino”, por apresentarem as quatro principais linguagens da arte: a dança, o teatro, a música e as artes visuais. Outra inovação é que nesta modalidade pode ser introduzida qualquer música, já que as quadrilhas costumam adaptar o ritmo original dessas músicas para um ritmo junino, sendo geralmente usado o arrasta-pé.

Essas comparações acerca de tantas mudanças dão margem para que possamos pensar que, cada vez mais, a quadrilha se afasta da chamada forma “tradicional” de dança. No seguinte trecho do trabalho de Lélis (2002), podemos perceber que essa distância é amenizada quando reconhecemos que existe um ciclo, que pode ser seguido, que pode fornecer respostas para tais transformações:

A presença do tema, como ponto forte do espetáculo, ao contrário de distanciar o brinqueado das suas origens, se constitui num retorno onde a pesquisa de traços da cultura popular relativa ao ciclo junino homenageia personagens da nossa história e representa, por meio da arte, o universo em que vivemos, sem esquecer que dependemos das interferências históricas e culturais tradutoras da contemporaneidade. (LÉLIS, 2002, p.2).

3 A Quadrilha Junina em Maceió

Como sabemos, sempre foi costume em Maceió as famílias se organizarem para construir um “palhoção”⁵ nas ruas em que moram. O único interesse desses grupos era brincar o São João. Por vezes, uma quadrilha deslocava-se para ir dançar na rua ao lado, como um modo de estabelecer vínculos e diversificar as atrações da noite. Acredito (e essa visão é compactuada com os quadrilheiros entrevistados nesta pesquisa) que esse movimento de uma quadrilha se apresentar para a outra que naturalmente suscita comparações entre elas possa ter motivado o surgimento dos concursos de quadrilhas juninas em Maceió.

3.1 Os Concursos

Inicialmente, os concursos de rua eram a principal atração para os grupos de quadrilha durante os anos 80 até o início da década de 90. Apesar da existência de dois importantes concursos, um da empresa de turismo Ematur e outro organizado pelo Hiper Center Bompreço, considerados, na época, como concurso alagoano e municipal, respectivamente, eram os concursos de rua “São João dos Carneirinhos” ou “Arraial do Doca” os mais reconhecidos e almejados pelas quadrilhas.

Doca era o nome do senhor que organizava o evento, que acontecia na localidade que era conhecida como Ouricuri, hoje São Sebastião, no bairro Prado em Maceió. Prado era o bairro com maior número de quadrilhas juninas na época, contudo grupos de outros bairros também podiam participar sem restrições do evento. O concurso estendia-se por cinco dias e as ruas do bairro ficavam tomadas por torcedores, que compareciam para ver qual grupo ganharia os prêmios: “melhor quadrilha”, “melhor rainha” e “melhor casamento”.

Na primeira noite classificavam-se os três melhores casamentos; na seguinte, as três melhores rainhas; e na terceira, as três melhores quadrilhas, sendo que a final da disputa de rainhas e o casamento ocorriam na mesma noite. O prêmio de melhor quadrilha era decidido na última noite do concurso.

Nesse formato, nem sempre a melhor quadrilha tinha o melhor casamento e a melhor rainha. Ao apontar a melhor quadrilha, é comum pensarmos que esta seria a equipe que apresentasse também a melhor rainha e o melhor casamento, pois assim era

⁵ Estrutura de madeira construída em formato de casa, com o teto feito de palha de coqueiro e todos os lados abertos para que o público veja a apresentação da quadrilha.

como se a campeã atingisse todos os requisitos. Mas verdade, esses dois itens eram avaliados separadamente. Atualmente essa configuração vem sendo retomada pelos novos concursos, com a escolha da melhor quadrilha junina, melhor casal de noivos e melhor rainha, no entanto os casamentos ainda não representam critério de competição. Essas competições foram encerradas concursos acabaram em 1998.

Somente em 2000, com o surgimento do concurso “Forró e Folia” que funcionava como uma etapa para escolha de uma quadrilha representante de Alagoas a nível de Nordeste, as quadrilhas juninas voltaram a ter um evento de maior proporção. A competição visava escolher e premiar entre as campeãs estaduais a melhor quadrilha segundo os critérios da Rede Globo Nordeste, em alagoas, a Organização Arnon de Mello – OAM –, em parceria com o Serviço Social da Indústria – SESI e que eram responsáveis por promover o evento.

A praça Multieventos, no bairro da Pajuçara, em Maceió, foi o local que recebeu o início dessa nova fase junina, no ano seguinte o evento ocorreu no Ginásio do SESI, no bairro do Trapiche da Barra, permanecendo lá até o ano de 2003. Neste concurso, as quadrilhas passariam por uma classificação, indo para as semifinais, até chegarem à final. A competição de natureza eliminatória ocorria em oito etapas, em que três quadrilhas se apresentavam e uma era classificada; as oito classificadas voltavam a disputar as quatro vagas para a grande final. Os critérios de avaliação eram: animação, marcação, figurino, coreografia e conjunto, cada item recebia pontuação de zero a dez pontos. Havia dois quesitos de desempate: em primeiro lugar a originalidade era julgada e em segundo lugar, o conjunto era avaliado. Se mesmo após a aplicação desses critérios a competição ainda continuasse empatada, era realizado um sorteio.

A partir de 2004, o evento passou a contar com a participação da prefeitura em parceria com o governo do Estado, o SESI e a OAM. O estacionamento no bairro de Jaraguá foi o local escolhido para dar continuidade ao concurso. Segundo a reportagem do jornal Gazeta de Alagoas, quarenta mil pessoas estiveram presentes para assistir às quadrilhas juninas, sendo elas responsáveis por fazer a população sair de suas casas. O concurso “Forró e Folia” manteve-se nesse espaço até 2009, voltando em 2010 para a Praça Multieventos.

Em 2011, a Secretaria Municipal de Ações Culturais rompeu o vínculo com a Liga das Quadrilhas Juninas de Alagoas – LIQAL sob alegação de não dispor de verba suficiente para custear as apresentações das quadrilhas da 1ª e 2ª divisões de todo o estado (o que inclui as quadrilhas do interior).

O evento foi transferido para Marechal Deodoro (município localizado a 32 km da capital, Maceió), durante a gestão do prefeito Cristiano Matheus que, mostrando-se interessado em trazer para a competição para sua cidade, fechou acordo com a Liga. Desde então, o evento acontece neste município.

O quadro abaixo apresenta o registro das quadrilhas melhores colocadas e das campeãs do Concurso “Forró e Folia” desde sua primeira edição.

Quadro 1 – Quadrilhas vencedoras do Concurso “Forró e Folia”, entre 2000 e 2013

ANO	COLOCAÇÃO		
2000	1º Asa Branca	2º Bate Coração	3º Kalango Tango
2001	1º Asa Branca	2º Luar do Sertão	3º Bate Coração
2002	1º Bate Coração	2º NÃO OBTIDO	3º NÃO OBTIDO
2003	1º Asa Branca	2º Do Amor	3º Xodó Alagoano
2004	1º Luar do Sertão	2º Do Amor	3º Xodó Alagoano
2005	1º Luar do Sertão	2º Do Amor	3º Xodó Alagoano
2006	1º Do amor	2º Show Aconchego	3º Forró Baião
2007	1º Luar do Sertão	2º Rosa dos Ventos	3º Show Aconchego
2008	1º Rosa dos Ventos	2º Luar do Sertão	3º Amanhecer no Sertão
2009	1º Rosa dos Ventos	2º Luar do Sertão	3º Amanhecer no Sertão
2010	1º Rosa dos Ventos	2º Amanhecer no Sertão	3º Luar do Sertão
2011	1º Luar do Sertão	2º Canarraíá	3º Amor Junino
2012	1º Luar do Sertão	2º Asa Branca	3º Amanhecer no Sertão
2013	1º Amanhecer no Sertão	2º Luar do Sertão	3º Amor Junino

Fonte: Dados obtidos com os participantes do Concurso Forró e Folia, cedidos à pesquisa.

3.2 O Surgimento da Liga de Quadrilhas Juninas de Alagoas – LIQAL

A Liga de Quadrilhas Juninas de Alagoas – LIQAL surgiu em Maceió no ano de 2003 e a história de sua fundação está diretamente ligada à pessoa de José Cláudio Meneses da Costa, atualmente líder da Quadrilha Luar do Sertão.

A motivação para a criação da liga foi a insatisfação com uma série de situações envolvendo os concursos e julgamentos à época. A primeira deles decorre do resultado do concurso de 1997, que foi considerado injusto por Zé Cláudio que, decorrente dessa insatisfação resolve, no ano seguinte, concorrer apenas fora do Estado. Em 1999, ele opta por não participar da organização e da apresentação das quadrilhas, já que não via vantagem em competir sem viajar para representar o Estado. No entanto, ele retoma suas atividades em 2000 e decide fazer um protesto contra os concursos em Maceió, trazendo toda a sua quadrilha vestida de preto, com a pretensão de propagar aos quadrilheiros a mensagem de que os resultados não estavam sendo justos. Ainda assim, seu grupo chegou a participar de todas as finais de concursos dentro e fora do Estado de Alagoas. Na mesma época, surgiram insinuações de que a quadrilha Asa Branca, do município de Atalaia, estava sob influência política e que, por isso, seria a campeã no próximo ano.

A maior polêmica do ano de 2000 aconteceu na praça Multieventos, na noite da final do 1º concurso “Forró e Folia”, quando, por ter se atrasado em cinco minutos, a quadrilha Show Aconchego, do bairro do Poço (em Maceió), foi penalizada com um desconto de cinquenta pontos (dez pontos por jurado), o que acabou deixando o grupo praticamente fora da disputa. Por discordar da rigorosa penalidade, Zé Cláudio fez algumas críticas aos jurados antes do início da apresentação de sua quadrilha. Apesar de ser a final do concurso, ele não temia em falar e prejudicar a equipe, pois sabia que a escolha da vestimenta preta como forma de protesto, por si só, já faria com que perdessem pontuação no quesito “figurino”, impossibilitando uma vitória de qualquer modo.

Após a fala crítica de Zé Cláudio, a Luar do Sertão realizou sua apresentação. Passados dez minutos de dança, dois jurados atribuíram nota zero a equipe em todos os quesitos, mostrando essa pontuação ao marcador e o provocando verbalmente. Zé Cláudio pediu à banda que parasse de tocar e respondeu aos jurados em frente ao público que sem entender o que estava acontecendo permaneceu em silêncio. A partir deste momento uma grande confusão teve início, mas, ao final, o resultado do “Forró e

Folia” seria a vitória da quadrilha Asa Branca, de Atalaia.

Em 2001, ficou definido como resultado de algumas reuniões que a quadrilha Luar do Sertão estava proibida de participar da competição pelo ocorrido no concurso de 2000. No entanto, essa decisão foi revertida, pois em um encontro promovido pela organização do concurso que realizou por meio de votação uma consulta aos representantes das quadrilhas alagoanas que participavam da competição. Nesta consulta os representantes votaram a favor da participação da Luar do Sertão que competiu em 2001. Neste mesmo ano, a quadrilha Asa Branca ganha o concurso e vai ao Ceará representando Alagoas. Lá a quadrilha é eleita campeã nesse trazendo para o estado o troféu de 1º lugar. Contudo, um integrante da Asa Branca teria ameaçado de morte um jurado do concurso. Em decorrência do abalo emocional ocasionado pela ameaça, o jurado se retirou do local afirmando que jamais participaria de outro concurso. Zé Cláudio, revoltado com aquela situação, conversou com os componentes e disse que não era necessária tal atitude, pois a quadrilha tinha o melhor trabalho naquele ano.

Em decorrência do que vinha acontecendo, Zé Cláudio participou da organização da quadrilha, porém optou por não competir em 2002, sendo a Quadrilha Bate Coração a grande campeã desse ano.

Em 2003, todos os quadrilheiros, em decorrência do bom trabalho realizado pela quadrilha Do Amor esperavam que a equipe fosse campeã, no entanto, a quadrilha Asa Branca ficou novamente com o lugar mais alto no pódio e a confusão tomou conta da festa outra vez.

Ainda em 2003 criou-se a UNEJ – União Nordestina de Entidades Juninas. Zé Cláudio recebeu convite para participar de uma reunião na Paraíba, com integrantes dessa entidade. Ao voltar sentiu-se encorajado a pôr em prática a ideia de criar uma Liga das Quadrilhas Juninas de Alagoas, compartilhada com Ricardo Protásio, seu amigo e também quadrilheiro. A primeira providência, nesse sentido, foi convocar uma reunião com representantes das quadrilhas de Alagoas, realizada em julho deste mesmo ano.

A liga passa a existir em agosto de 2003, com o apoio da maioria das quadrilhas (exceto a Asa Branca), e Zé Claudio é o primeiro presidente eleito, uma vez que ele estava mais envolvido e participando das reuniões com a UNEJ. Assim, já nos campeonatos de 2004, a Liga começa a exercer influência na organização desses eventos, na escolha dos jurados, por exemplo.

O estabelecimento do limite de vinte e quatro quadrilhas participando dos concursos deu-se em decorrência de outro desentendimento. Todas as quadrilhas tinham o prazo para filiar-se à Liga até o mês de janeiro de 2004, para que, em fevereiro do mesmo ano, a Liga pudesse começar a organizar os eventos que ela passaria a produzir; ao fim do prazo, vinte e duas quadrilhas estavam associadas à, menos a Quadrilha Show Aconchego (que na primeira reunião apoiou a criação da Liga) e a Quadrilha Asa Branca (que alegou não precisar da Liga para participar de nenhum concurso). Ao perceberem, já no mês de maio que ficariam fora do concurso “Forró e Folia”, as quadrilhas tentaram filiar-se, mas como prazo já havia se encerrado, os grupos recorreram à justiça. Nas vésperas do São João, o presidente da Liga recebeu uma intimação judicial que liberava as duas quadrilhas a participar do concurso e que em caso de não cumprimento da ordem ele poderia ser preso. Após consultar-se com seu advogado, Zé Cláudio liberou as quadrilhas para competir, mas recorreu alegando ser a Liga uma empresa privada com estatuto, documentos de mandato e regimento interno. Após tramitar na justiça, a decisão final foi em favor das quadrilhas. Assim, chegou-se ao número de vinte e quatro quadrilhas associadas e autorizadas a competir.

Os grupos que se associassem depois do São João de 2004 estariam na 2ª divisão, pois a Liga não comportaria mais de 24 quadrilhas num evento. Na verdade, a decisão inicial dava conta de vinte quadrilhas participantes. Em seguida, surgiu a ideia de caírem as três últimas quadrilhas da 1ª divisão para a 2ª, e subirem as três primeiras da 2ª divisão para a 1ª, formato similar ao adotado pelas escolas de samba do Rio de Janeiro.

Com a criação da Liga, o Concurso Alagoano que havia sido encerrado em 1998 (época em que era organizado pela Ematur) renasceu, em 2004, sob um novo formato e passou a ser planejado em parceria com os quadrilheiros. As definições passaram a ser acertadas a partir de reuniões abertas que visam repensar e definir os quesitos de avaliação e as questões de infraestrutura para o concurso o “Forró e Folia”. Assim, a campeã do Alagoano torna-se representante estadual na disputa do “Nordestão”, concurso regional organizado pela União Nordestina de Entidades Juninas – UNEJ. A campeão também representa Alagoas no concurso nacional, produzido pela Confebraq (Confederação Brasileira de Quadrilhas Juninas).

Assim, o “Forró e Folia”, além de escolher a campeã para o concurso da Rede Globo Nordeste, também soma pontos para o Concurso Alagoano, que é organizado em três etapas:

- **Forró e Folia** – organizado pela TV Gazeta, define uma representante para o concurso Rede Globo Nordeste. A pontuação classificatória é somada as demais etapas para a final do Alagoano.
- **Galba Novais** – etapa chamada assim pelo apoio que o deputado Galba Novais oferece à LIQAL, cedendo o transporte aos grupos. Esta etapa ocorre no espaço “Galba Novais”.
- **Sesi** – etapa patrocinada pelo Serviço Social da Indústria (SESI) de Alagoas, que disponibiliza a estrutura física para a realização do concurso.

Ao final das três etapas, seis quadrilhas são escolhidas finalistas do Concurso Alagoano.

3.3 Os Jurados

Todos os anos abre-se uma discussão em torno da escolha dos jurados das quadrilhas juninas. Dificilmente a escolha é unânime por tratar-se de uma disputa. Este é um assunto que gera muitas divergências. Mas, de maneira geral, cinco pessoas compõem a comissão julgadora e são selecionadas dentre artistas da terra: atores, atrizes, dançarinos, coreógrafos, pessoas que trabalham com música, regentes de coral, entre outros. São considerados soberanos e autônomos em relação a área de conhecimento que estão avaliando e têm o poder definitivo de decisão que até pode ser questionado pelas equipes– mas somente no ato do recebimento da nota e ainda no local da apresentação. Caso um grupo queira contestar sua pontuação no dia seguinte as chances de que obtenha sucesso em seu pedido de recurso diminuem consideravelmente. E a eles cabe julgar as apresentações baseados nos seguintes quesitos: coreografia, figurino, originalidade, marcador e casamento.

Acreditamos que a relevância deste trabalho se encontra na sua contribuição para o registro de uma parte da história da quadrilha junina em Alagoas. Aqui visou-se abordar, mais especificamente, o contexto dos concursos na cidade Maceió, onde as transformações são constantes e a adesão da população amplia-se a cada ano. Atentos a tantas diferenças e conhecendo um pouco mais sobre a história dessa dança, a quadrilha, podemos refletir sobre tais transformações na tentativa de compreendê-las.

Nesse trabalho, “estar dentro” e “estar fora” constituíram um diálogo que ampliou minhas perspectivas sobre a quadrilha como manifestação cultural, que envolve

várias redes de produção e circulação onde estão imbricadas questões relativas às individualidades, mas também a coletividade. Esses diferentes pontos de vista vão construindo relatividades que permitem perceber um fenômeno cultural que vem ganhando, a cada dia, maior amplitude em nossa comunidade.

Referências Bibliográficas

Artigos e Periódicos

CHIANCA, Luciana de O. Quando o campo está na cidade: migração, identidade e festa. 2007. In: **Sociedade e Cultura**. v. 10, n. 1. 2007.

EMIRCE, Jane de M. Quadrilha estilizada, resistência, ou uma invenção da tradição? In: **Intercom**. Disponível em: www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R1453-3.pdf Acesso em: 10 de outubro de 2012.

FRANQUI, Lidiane. **Quadrilha: a maior tradição da festa junina**. Disponível em: <http://br.noticias.yahoo.com/Quadrilha-maior-tradi-o-da-festa-junina-125300463.html> Acesso em: 10 de junho de 2013.

MARQUES, Isabel Maria Meirelles A. Coreologia. **Revista da Faculdade de Educação da USP**, São Paulo, v. 17, p. 148-183, 1991.

NETO MENEZES, Hugo. **Usos e sentidos das categorias arte e cultura popular no mundo social das Quadrilhas juninas do Recife-PE**. <http://www.ppgartes.uerj.br/publicacoes/ANAIS%20CCP.pdf> Acesso em: 15 de março de 2013.

Livros e Documentos

ALMEIDA, Magdalena. **Quadrilha junina história e atualidade um movimento que não é só imagem**. Prefeitura do Recife, Secretaria de Cultura. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2001. 48p.

BORNHEIM, Gerd A. **Cultura brasileira: tradição, contradição**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editora, 1987.

LÉLIS, Carmem. **São João – Manifestação de Fé, Celebração da Alegria**. 2004.

LEPECKI, André. O corpo colonizado. **Gesto – Revista do Centro Coreográfico**, p. 7-11, 2003.

MARQUES, Isabel Maria Meirelles A. **Rudolf Laban e a coreologia**. Caleidos Arte e Ensino, 1997.

MENDES, Miriam Garcia. **A dança**. São Paulo: Ática, 1987.

ROCHA, José Maria T. **Folguedos e Danças de Alagoas: Sistematização e classificação**. Editado pela Secretaria de Estado da Educação de Alagoas, 1984.